

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

RELATÓRIO

Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos

Inventários, programa de intervenção preliminar e fundamentos para o desenvolvimento de Plano de Gestão da Conservação dos jardins

Separata Jardins Pavilhão Arthur Neiva

Dezembro 2015

PESQUISADORA:

Inês El-Jaick Andrade

INSTITUIÇÃO:

Fundação Oswaldo Cruz

DEPARTAMENTO:

Departamento de Patrimônio Histórico – Casa de Oswaldo Cruz

ENDEREÇO:

Avenida Brasil, 4365 – Pavilhão Mourisco, térreo, sala 01 -
Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-360

RELATÓRIO:

Relatório final de pesquisa - dezembro de 2015

AGENCIA FINANCIADORA:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do
Rio de Janeiro. Processo E-26/111.946/2011

Ficha catalográfica

ANDRADE, Inês El-Jaick.

Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos. Separata
Jardins do Pavilhão Arthur Neiva/ Inês El-Jaick Andrade -- Rio de Janeiro, 2015.
24f.

Relatório Final. Departamento de Patrimônio Histórico - Casa de Oswaldo Cruz -
Fundação Oswaldo Cruz. CNPq; FAPERJ.

1. Jardins Históricos 2. História do paisagismo 3. Preservação
I. Título

Título:

Temporalidade dos jardins históricos do campus Fiocruz Manguinhos

Resumo:

O campus Fiocruz Manguinhos é um conjunto urbano paisagístico de grande significação cultural. Entre seus atributos culturais, destaca-se no conjunto os exemplares de jardins históricos de diferentes correntes artísticas. Estes precisam ser estudados para serem corretamente protegidos. O estudo visa coletar documentação, identificar e analisar a volumetria dos jardins de interesse histórico do *campus* Fiocruz Manguinhos com o objetivo de garantir a sua autenticidade e integridade nas futuras ações de intervenção propostas pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/Fiocruz). Pretende-se, a partir de um estudo minucioso, identificar os valores que se deseja preservar, pontuar as potencialidades e investigar as vulnerabilidades que os jardins estão expostos para contribuir na formulação de um Plano de Gestão da Conservação dos jardins e fundamentar o programa de intervenções dos jardins.

Palavras-chave: jardim histórico, metodologia, preservação, patrimônio urbano

Objetivo geral:

Identificar e caracterizar os repertórios paisagísticos utilizados nos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos.

Objetivos específicos:

Levantar e contextualizar as sucessivas correntes estilísticas paisagísticas aplicadas no *campus* Fiocruz Manguinhos.

Contribuir para a disseminação do conhecimento sobre os atributos dos jardins históricos do campus Fiocruz Manguinhos.

Consolidar dentro do Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/FIOCRUZ) a linha de pesquisa iniciada em 2005 sobre o “Processo de formação e ocupação do campus de Manguinhos” e incluir nesta o estudo da categoria de jardim histórico.

APRESENTAÇÃO

Em 2011 o Plano de Ocupação da Área Preservada (POAP) do *campus* Fiocruz Manguinhos (2011) estabeleceu entre as ações de manutenção e conservação das áreas verdes e espaços livres da Área de Preservação do *Campus* Fiocruz Manguinhos a necessidade da recuperação e recomposição dos jardins de interesse histórico, por meio de um **programa de intervenção**. Os jardins selecionados - jardins do Pavilhão Mourisco, jardim da Portaria da Avenida Brasil, jardim do Pavilhão Henrique Aragão e jardim do Pavilhão Arthur Neiva - estão associados a edificações ou conjuntos de edificações e sua preservação é encarada como uma estratégia para promover a integridade dos bens de interesse para preservação, segundo premissas consagradas internacionalmente.

Para tanto, esse programa precisa estar associado à um **Plano de Gestão da Conservação** (*Conservation Management Plan*). O desenvolvimento desse plano é importante para garantir a sustentabilidade e subsidiar as propostas do programa de intervenções e não pode estar dissociado das ações periódicas e contínuas da gestão e manutenção preventiva e corretiva nos jardins. Esse instrumento, de carácter estratégico, compreende um plano de ação fundamentado na identificação dos valores que se deseja preservar e na compreensão da vocação e significado cultural dos jardins. Por esse plano ter como princípio a multidisciplinariedade é recomendada a participação de diferentes atores em sua elaboração. Isso inclui o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC/Fiocruz), da equipe do Departamento de Gestão Ambiental da Diretoria de Administração do Campus (DGA/ Dirac/Fiocruz), responsáveis pela gestão dos jardins do *campus*, e por consultores da área de arqueologia, biologia/ecologia e agronomia. Também se ressalta a necessidade de incluir na implantação do programa de intervenção um trabalho de educação patrimonial com as equipes de manutenção e gestão desse jardim.

Nessa etapa de conclusão da pesquisa, “Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos”, os dados coletados no período foram organizados em uma estrutura com o objetivo de subsidiar o Programa de Intervenção dos jardins de interesse histórico da Fiocruz, mas também definir as etapas para a formulação do Plano de Gestão da Conservação dos jardins.

Assim, o relatório da pesquisa contém um **inventário** dos quatro jardins objetos de estudo, a descrição da situação atual, desenhos paisagísticos baseados em documentação histórica, o objetivo desejado com a revitalização ou restauração justificado com base nos atributos do jardim, a indicação dos trabalhos requeridos para a sua intervenção com especificações para a sua manutenção, bem como o agrupamento das referências documentais sobre os jardins.

Cabe reforçar que as recomendações presentes no final desse trabalho são indicações de procedimentos e princípios de projeto, mas alerta-se da necessidade de recorrer a uma equipe interdisciplinar para atuar conjuntamente na elaboração de um projeto de intervenção do jardim.

1. INTRODUÇÃO

CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE JARDIM HISTÓRICO

O desenvolvimento de ações de preservação em jardins históricos é uma questão relevante para o patrimônio cultural. É, contudo, um campo recente e ainda pouco explorado. No passado brasileiro, exemplares de jardins que se encontravam na malha urbana foram perdidos ou depredados, por interesses políticos e especulativos, ou por desconhecimento dos seus administradores e do público.

A noção de Patrimônio Cultural restringia-se, inicialmente, somente aos monumentos edificados, mas a partir da segunda metade do século XX começam a se esboçar debates em relação à salvaguarda das paisagens silvestres, dos sítios e monumentos naturais (hortos, jardins, passeios, entorno das edificações e espaços verdes de centros históricos).

Os jardins começam a ser percebidos enquanto documentos culturais, artísticos e históricos de grande importância a partir da década de 1960 na Europa. No âmbito científico internacional acabam por gerar na década de 1970 e 1980 numerosos estudos publicados sobre um tema até então não discutido: a restauração em jardins históricos.

O registro e iniciativas de salvaguarda vão ser objeto de discussão em reuniões científicas de grupos de especialistas como do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) e da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA). Os esforços geram a Carta de Florença (1981), a qual classifica o jardim histórico enquanto uma "composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público" (Art.1).

Em 1981, com a Carta de Florença, é então conceituada e defendida a importância da preservação dos jardins históricos: "A denominação jardim histórico aplica-se tanto aos jardins modestos quanto aos parques ordenados ou paisagísticos" (Carta de Florença, Art.6, 1981, apud CURY, 2000:254). A preocupação com o tratamento dispensado aos jardins históricos era justificada, pois eram utilizados critérios de preservação análogos aos adotados na preservação dos outros bens. Os aspectos naturais do território também não despertavam o mesmo interesse que os bens imóveis culturais.

As ações de preservação e valorização do patrimônio cultural variam consideravelmente de acordo com o contexto e os valores associados a cada monumento e seu ambiente construído. Assim, os jardins históricos são indissociáveis tanto de seu contexto histórico como do seu entorno. Os entornos que cercam o recinto interferem em sua ambiência e legibilidade. Portanto, o jardim histórico é um ecossistema em equilíbrio no qual intervenções sem critério podem causar impactos imprevisíveis ao conjunto.

No caso dos jardins históricos, esta é uma ação que envolve a busca por manter a integridade e autenticidade de um monumento vivo, logo, que convive com diferentes temporalidades.

Assim, conhecer e reconhecer essa temporalidade é fundamental para problematizar e planejar ações de conservação e restauração, o que é o pro-

pósito da presente pesquisa focada em exemplares localizados no *campus* da Fiocruz.



Figura 1: Vista do *campus* Fiocruz Manguinhos.
Fonte: DAD/Fiocruz, 1990.

ESTUDOS DE CASO: jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos

O *campus* Fiocruz Manguinhos é um conjunto urbano paisagístico de grande significação cultural. A implantação do tratamento paisagístico no *campus* ocorreu pontualmente e lentamente, iniciado na década de 1920 e intensificado na década de 1980.

O sítio em que foi implantado o *campus* era uma área de colinas cercadas de terras alagadiças e com vegetação rasteira, típica de mangue. O projeto original do núcleo histórico foi concebido e edificado a partir de 1904 pelo engenheiro português Luiz Moraes Jr., sob a coordenação do médico sanitarista Oswaldo Cruz. Juntamente à construção do conjunto eclético, foi implantado na década de 1920 um parque nas imediações do Pavilhão Mourisco, seguindo a linha clássico-romântica que era preponderante nas composições paisagísticas da cidade no início do século XX.

Já os jardins do entorno do Pavilhão Arthur Neiva, do entorno da Portaria da Avenida Brasil e do entorno do Pavilhão Henrique Aragão foram implantados na década de 1950. Estes são representativos por apresentarem uma nova concepção artística, oposta ao ecletismo. Mas, também pontuam um momento institucional de consolidação e expansão da área do *campus*. Com destaque, o jardim do Pavilhão Arthur Neiva, projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx, é um exemplar de composição paisagística que se conecta diretamente, estética e funcionalmente, com a arquitetura do pavilhão destinado originalmente para os cursos de aula do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

A densa arborização da área foi consolidada apenas na década de 1970. Até então a paisagem do *campus* era muito diferente da atual. O incentivo e o

fortalecimento da demarcação do *campus* na paisagem da região culminaram em investimentos na urbanização do *campus*. E novamente o conjunto sofre grandes transformações paisagísticas, desde a pavimentação das caixas de rolamento até a criação de novos espaços verdes.

O conjunto arquitetônico eclético de Manguinhos - Pavilhão Mourisco, Cavalariças e Pavilhão do Relógio - do início do século XX foi reconhecido como patrimônio nacional em 1981 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Apesar de citado no processo de tombamento federal enquanto “pulmão verde da região”, o “parque” do conjunto não foi incluído no tombamento. Já em 2001, duas edificações modernistas - Pavilhão Arthur Neiva e Pavilhão Carlos Augusto da Silva - da metade do século XX foram reconhecidas e tombadas a nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Cultural. No entanto, o jardim implantado no entorno do Pavilhão Arthur Neiva não foi incluído enquanto bem integrante do conjunto.

O chamado “parque” do conjunto arquitetural de Manguinhos é composto por uma sucessão de espaços verdes que incluem os exemplares identificados por essa pesquisa enquanto munidos de interesse histórico. Os exemplares, apesar de não possuírem proteção, foram incluídos em 1986 em processo de extensão de tombamento federal enquanto integrantes de uma zona de proteção rigorosa, isso é, enquanto uma área de amortecimento das edificações tombadas. Assim, seguindo a legislação cultural, qualquer intervenção no entorno dos bens tombados - e, portanto, nos jardins de interesse histórico - deveria ser submetida a apreciação dos órgãos federal e estadual de proteção cultural.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida seguiu uma metodologia fundamentada na visão documental da identificação do jardim histórico, a qual incluiu a análise das ações pelos quais o bem cultural sofreu e sofre na atualidade. Através da coleta de uma documentação variada - pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, informações de arquivo, pesquisa icnográfica, levantamento preliminar do potencial arqueológico, registro fotográfico, representação gráfica e análise de projetos de jardins análogos - e de um estudo da morfologia das composições, foram identificados as vocações dos jardins. O objetivo foi compreender a sua espacialidade, identificar os atributos para serem preservados, pontuar as suas potencialidades e investigar as vulnerabilidades que os jardins estão expostos.

Para a elaboração do modelo de inventário dos jardins foram consultados exemplares nacionais e internacionais. Assim, os itens que constam no modelo escolhido foram adaptados das premissas desenvolvidas por Carmen Añón (1989), na estrutura básica do modelo de inventário aplicado pelo arquiteto espanhol Antonio Tejedor Cabrera (1997;1999) e na estrutura do *Inventory card* desenvolvido pelo comitê Comité Internacional Científico sobre Paisagens Culturais do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) e da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA) em 2006.

A formulação das premissas do programa de intervenção dos jardins, incorporadas neste documento, seguem as atuais recomendações internacionais no campo patrimonial. Já as recomendações para a redação de um plano de gestão da conservação foram baseadas nos princípios específicas para jardins e parques históricos. O objetivo e a estrutura do plano são os mesmos, seja em planos para edificações históricas ou para jardins históricos. No entanto, a forma e conteúdo apresentam distinções importantes. Assim, foram utilizadas as orientações do English Heritage (WATKINS; WRIGHT, 2007) e as recomendações desenvolvidas pela arquiteta Cláudia Brack Duarte (2012) para a elaboração de um plano de gestão em jardins e parques históricos.

3. INVENTÁRIOS

JARDIM DO PAVILHÃO ARTHUR NEIVA

A. IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Outras denominações: Jardins do antigo Pavilhão de Cursos; Gleba 13 - canteiro 01 (Dirac/Fiocruz)

Endereço: Avenida Brasil, nº 4.365, Manguinhos

Uso: Área de lazer contemplativo

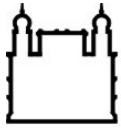
Área: 8.340,00m²

Coordenadas geográficas: -22.872688 e -43.245978

Autoria:

Roberto Burle Marx (1909-1994). Era brasileiro nascido em São Paulo, de origem alemã. Foi artista plástico brasileiro e arquiteto-paisagista. Entre 1928 a 1929, por problemas de saúde, morou na Alemanha. Burle Marx entrou em contato com as vanguardas artísticas, estudando pintura no ateliê de Degner Klemn. Já cultivava o interesse por jardins, mas ao frequentar o Jardim Botânico alemão se impressionou com a vegetação brasileira mantida em estufa. Retornou ao Brasil e na cidade do Rio de Janeiro iniciou sua formação com artista plástico na Escola Nacional de Belas Artes.

As décadas de 1930 e 1940 foram um período de efervescência e de rupturas na arquitetura, no urbanismo e, naturalmente, no paisagismo. A negação das formas tradicionais historicistas era objetivo das vanguardas artísticas. Essa mentalidade se refletiu no tratamento do espaço livre urbano, público e privado. Burle Marx é considerado o criador do jardim moderno brasileiro, tendo iniciado sua atuação na cidade de Recife (Pernambuco), como técnico do Setor de Parques e Jardins do Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Logo, seria o nome mais celebrado para participar de projetos de vanguarda modernistas na cidade do Rio de Janeiro.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

Seu primeiro projeto foi a criação do jardim público da Praça de Casa Forte em 1934. Nesse mesmo ano assumiu o cargo de Diretor do setor e permaneceu até 1937. Na década de 1930 elaborou outros diversos projetos, sendo sua obra de maior repercussão o jardim do prédio do Ministério da Educação e Saúde de 1938. Em 1943 fundou a Firma Burle Marx e Companhia, escritório localizado no Leme, em sociedade com seu irmão mais novo Siegfried. Burle Marx inaugura uma escola própria por seu trabalho de associação de plantas e materiais. Na ocasião da elaboração do projeto paisagístico do Pavilhão de Cursos da Fiocruz, Burle Marx coordenava o seu escritório de paisagismo denominado Roberto Burle Marx e Arquitetos Associados, tendo como sócios John Stoddart, Fernando Tábora, Mauricio Monte e Julio Pessolani. Essa sociedade durou até o ano de 1954. Em 1955, Roberto Burle Marx cria o Burle Marx & Cia. Ltda., se associando ao arquiteto paisagista Haruyoshi Ono no ano de 1965 até seu falecimento em 1994.

Tipologia: Jardim associado a edificação de saúde

Estilo: Composição paisagística modernista

Período de construção: ca. 1954

Dados históricos: O jardim do Pavilhão de Cursos (atual Arthur Neiva) foi projetado por Roberto Burle Marx juntamente ao painel de azulejos que reveste o bloco do auditório da edificação. Foi um presente para seu amigo, o arquiteto Jorge Ferreira - autor do projeto do pavilhão.

Em pesquisa no arquivo do escritório Burle Marx & Cia. Ltda. foi identificado um projeto paisagístico, assinado por Burle Marx, para o pavilhão que data de 1949, portando dois anos após a inauguração do pavilhão. Nesse projeto era prevista a construção de um outro pavilhão em lâmina, identificado apenas como "indústria", oposto ao Pavilhão de Cursos. O desenho indica um acesso de ligação com a Avenida Brasil de traçado sinuoso, sem representação de muro ou gradil, e com dimensões compatíveis para receber a circulação de veículos e pedestres. Esse acesso conduzia diretamente a um estar central, entre os dois pavilhões, arrematado por um grande espelho de água de linhas sinuosas contendo caixas de canteiros. A solução técnica desses canteiros, bem como a distribuição formal de quatro fileiras de palmeiras, apresenta similaridades com o jardim ordenado de influência concretista e neoconcretista do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1953). Nos fundos do Pavilhão de Cursos foi idealizado um jardim formado por um grande canteiro em forma de ameboide. Um grupo de canteiros de linhas sinuosas e palmeiras enfileiradas, na divisa do terreno com a Avenida Brasil, complementam a composição. Esse tratamento paisagístico não chegou a ser implantado.

Supõe-se que o novo projeto de Burle Marx, de proporções e soluções mais modestas, tenha sido executado no início da década de 1950 (c.1954). Também é do final da década de 1950 a construção de um muro e portão de acesso voltados para a Avenida Brasil, na entrada do pavilhão. Esse acesso foi posteriormente fechado, mas as fotos indicam que esse foi a primeira intervenção na composição original. Foi criado um passeio estreito e irregular na superfície gramada no jardim frontal, bem distinto da solução idealizada por Burle Marx. Cogita-se que o fechamento desse acesso ao pavilhão pode ter sido consequência da construção (entre 1965 e 1970) do viaduto de Bonsucesso. Essa obra de infraestrutura urbana causou um aumento do trânsito na região e grande impacto no campus de Manguinhos (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003). Inclusive, o viaduto e a passarela foram ainda responsáveis pela perda da área do Instituto, próxima ao Pavilhão e a Rua Sizenando Nabuco, para que se construísse a alça de acesso do viaduto do terreno, na margem da Avenida Brasil.

Já em 1989, foi elaborado um projeto coordenado pela Prefeitura da Fiocruz que previa a reforma geral do prédio, que já não contava com o painel de azulejos inferior do bloco do auditório. Apesar de não possuímos informações sobre a execução da obra ou de propostas para o jardim, as plantas de levantamento arquitetônico desse projeto são importantes registros de como o edifício se encontrava no final da década de 1980.

Em 1991 a Prefeitura do *campus* da Fiocruz elaborou novo projeto de reforma/restauração do Pavilhão. A pavimentação externa foi completamente modificada. A nova solução foi composta por faixas em diagonal (partindo dos pilares) em pedra portuguesa branca, intercaladas por placas de cimento. O acabamento em todo o perímetro da edificação foi feito por uma faixa de pedra portuguesa.

Nessa ocasião foi elaborada uma proposta de adaptação do projeto paisagístico. É proposta a criação de um estacionamento na frente da edificação - cortando, portanto, o jardim frontal -, o plantio de novas árvores para o seu canteiro residual, a criação de um segundo canteiro de forma sinuosa e a criação de duas fileiras de árvores contíguas ao muro da Av. Brasil. Também está incluída nessa proposta a construção de uma jardineira sob a projeção da laje do segundo piso para coletar a água pluvial (pingadeira). A proposta indica uma preocupação na formalização de vagas de estacionamento. É interessante observar que o levantamento iconográfico revelou que a área sob pilotis era usada como garagem de veículos. Caso tivesse sido executada integralmente, a proposta teria contribuído para criar um fechamento visual do painel da edificação e para deturpar a composição do jardim frontal.

Década de 1940

1946- Início da construção da Avenida Brasil, uma variante da autoestrada Rio-Petrópolis construída para ligar a capital à cidade serrana.

1947 - Abertura do trecho da Avenida Brasil entre São Cristóvão e Manguinhos. Início da execução do projeto arquitetônico do Pavilhão de Cursos (atual Pavilhão Arthur Neiva). As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC, que testemunham os serviços de abertura de ruas (c.1947), mostram uma paisagem com arborização muito rarefeita e sem tratamento paisagístico no entorno da edificação. O terreno da instituição era delimitado da autoestrada por cercas.

Década de 1950

1950- Início da execução das obras de duplicação da Avenida Brasil.

1952 - Burle Marx elabora o projeto dos jardins do Instituto de Puericultura (atual Instituto de Pediatria e Puericultura Professor Martagão Gesteira (IPPMG), primeira unidade a funcionar na Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro (1953). A Cidade Universitária foi originada do aterro do arquipélago de nove ilhas, próximas a Manguinhos e à Avenida Brasil.

1953- Burle Marx projeta o Jardim do Aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte.

1954- Conclusão da duplicação da Avenida Brasil. As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC registram a existência de um muro e portão de acesso do Pavilhão de Cursos para a avenida recém-inaugurada (c.1954). Esse acesso foi posteriormente fechado. É provável que o tratamento paisagístico tenha sido executado concomitantemente a essa obra sem, no entanto, ter sido levado em conta o novo fluxo de pedestres na composição.

1954 - Burle Marx projeta o ajardinamento do "Park-Way" da Praia de Botafogo, Rio de Janeiro

1955 - Burle Marx projeta o paisagismo do Hospital Sul América da Fundação Larragoiti (atual Hospital da Lagoa) e os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM, ambos no Rio de Janeiro.

Década de 1960

1961 - Burle Marx projeta o paisagismo do Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

1965- Início das obras de construção do viaduto de Bonsucesso (1965-1970). Essa obra de infraestrutura urbana causou um aumento do trânsito na região e grande impacto no *campus* de Manguinhos (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003). O viaduto e a passarela foram ainda responsáveis pela perda da área do Instituto, próxima ao Pavilhão de Cursos e a Rua Sizenando Nabuco, para que se construísse a alça de acesso do viaduto do terreno, na margem da Avenida Brasil.

1966- Uma fotografia analisada do acervo do DAD/COC registra a aparência dos jardins em seu conjunto. O muro e portão de acesso integram o conjunto, e destaca-se na superfície do gramado do canteiro frontal do pavilhão um canteiro, que por estreito e irregular sem apresentar um traçado característico, supostamente, não deveria fazer parte da composição paisagística formada por duas partes. A primeira é composta por uma superfície ampla de gramado com um canteiro ameboide pontuado por arbustos. A segunda é um canteiro na forma de rotunda configurado por uma série de manchas de forrações e folhagens. Oito árvores, disposta simetricamente circundam o canteiro.

Década de 1970

1970- Criação da Fundação Oswaldo Cruz

c. 1972 - Uma fotografia (aero foto) analisada do acervo do DAD/COC (c.1972), que mostra os montantes de terra de aterro implantados no terreno do Instituto e a área do Prédio da Delegacia de Saúde recém-inaugurado (1972), registra que o jardim frontal passou a ser cortado por uma via de circulação para veículos em terra batida.

c.1975 - As fotografias analisadas no acervo do DAD/COC registram a aparência dos jardins no final da década de 1970 e meados da década de 1980. O canteiro em rotunda é cortado por um caminho longitudinal marcado por meio fio pintado em cor clara. Os pilotis do pavilhão também foram pintados à meia altura e eram utilizados como vagas de garagem. O limite do canteiro frontal com o pavilhão

recebeu uma bordadura, bem como uma solução similar foi utilizada nos canteiros do entorno imediato.

Década de 1980

1989 - Elaboração de um projeto coordenado pela Prefeitura da Fiocruz previa a reforma geral do pavilhão e seu entorno imediato. Apesar de não possuímos informações sobre a execução da obra, as plantas de levantamento desse projeto são importantes registros de como o edifício se encontrava no final da década de 1980. É possível identificar na planta de situação uma representação, além do canteiro em ameboide conhecido, de uma linha limitadora marcada do jardim frontal. Também são localizados os elementos arbóreos existentes até então.

Década de 1990

1991- Elaboração de um projeto coordenado pela Prefeitura da Fiocruz de reforma/restauração do pavilhão. Esse projeto foi parcialmente executado. A pavimentação externa foi completamente modificada. A nova solução foi composta por faixas em diagonal (partindo dos pilares) em pedra portuguesa branca, intercaladas por placas de cimentado. O acabamento em todo o perímetro da edificação foi ornamentado por uma faixa de pedra portuguesa. A proposta de adaptação contemplou também o projeto paisagístico. Entre as soluções propostas, foram executadas o plantio de novas árvores no canteiro em forma de rotunda e a criação de duas fileiras de árvores contíguas ao muro da Av. Brasil. Também foi incluída a construção de uma jardineira sob a projeção da laje do segundo piso para coletar a água pluvial (pingadeira).

Década de 2000

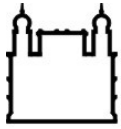
O canteiro em rotunda do pátio foi transformado em uma praça - a Praça César Pinto - e recebeu passeio em cimento com meio fio de granito, revestimento em argila expandida e mobiliário urbano (bancos). Já a cobertura gramada do jardim do canteiro voltado para a Avenida Brasil, que já havia sido cortado por uma via não formal de veículos, recebeu uma cerca-viva arbustiva que forma uma barreira física e visual. Parte do canteiro em forma ameboide, que permaneceu, teve recebido a caixa da iluminação monumental do painel superior.

B. DESCRIÇÃO

Elementos arquitetônicos: O espaço construído arquitetônico delimita espacialmente o jardim e tem suas características - encontro e permanência em baixo dos *pilotis* - reforçadas pelo jardim. Destaca-se que na composição original não estava previsto mobiliário urbano. No século XXI foram introduzidos bancos no canteiro da rotunda e placas informativas.

Elementos ornamentais: Na composição paisagística original não estava presente elementos escultóricos no jardim. O painel de azulejos do corpo do auditório era a obra artística singular a ser destacada.

Elementos vegetais: A pesquisa identificou nas fotos mais antigas o repertório vegetal estruturado por grandes superfícies gramadas - supõe-se o emprego de grama-batatais, por essa espécie ser nativa e muito resistente - e por composições intercaladas por grupos de forrações (*Philodendron bipinnatifidum*) e arbustos (*Agave angustifolia* e *Agave attenuata*) de cores distintas e pontuadas por árvores de grande porte.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

Descrição do conjunto: A composição paisagística original do Pavilhão Arthur Neiva se desenvolve em dois cenários: o da Av. Brasil e do pátio do pavilhão. Apesar de utilizar a mesma linguagem pictórica na seleção das formas e texturas dos canteiros, a composição acaba por invocar duas experiências estéticas diferentes (ou intenções de projeto) com programas de necessidade distintos. O lado voltado para a avenida é coberto por uma ampla superfície gramada que se estende da divisa do terreno até o bloco do pavilhão. Nesta é pontuada a presença, de pelo menos, um canteiro em ameboide de forração clara. É possível imaginar o impacto visual causado aos que trafegavam pela avenida pelo contraste entre os tons de verde e o conjunto de painéis em tons de azul. Ao distanciar-se do cenário da avenida, o canteiro delimitado pelos planos verticais do pavilhão e pela aleia de árvores de grande porte (no limite da composição) forma uma espécie de "pátio interno". As varandas do segundo pavimento e as áreas livres dos pilotis estão voltadas para esse pátio, convidando a uma atmosfera de convivência e encontro entre os alunos e professores do pavilhão. Apesar do canteiro ter uma forma simples de rotunda de circulação, pode ser observada uma variedade de formas abstratas de manchas de forração. Também é possível identificar oito indivíduos de árvores de grande porte que pontuam simetricamente as extremidades desse canteiro. Não são observados mobiliários urbanos na composição, levando a crer que a intenção era que as atividades de convivência seriam praticadas ao redor do canteiro e na área dos pilotis e nas varandas.

Espécies arbóreas significativas: Jambolão (*Syzygium jambolanum*), Bambu (*Bambusa vulgaris vitatta*) e Jasmim-manga (*Plumeria rubra*).

Fauna: Podem ser observados insetos, pequenos mamíferos (cachorros, gatos e ratos) e répteis (calango). Segundo levantamento realizado no final da década de 1990 (CHACEL: 1996) a área do *campus* Fiocruz Manguinhos abrigava aves (gavião-carrapateiro; maritaca; gavião-carijó; sabiá-laranjeira; tico-tico; bem-ti-vi; tiê-sangue; sanhaço; beija-flor; cambacica; cambaxirra; rolinha; pardal; trinca-ferro; bico-de-lacre; siriri; tizil; canário da terra; coleiro; avinhado/curió; viuvinha; e coruja-buraqueira), répteis (conra limpa campo; calango; teju; lagartixa; e anfisbena), anfíbios (sapo; e rã) e mamíferos (gambá; morcego; sagui; e rato).

C. CONSERVAÇÃO E ATRIBUTOS

Conservação: O espaço verde teve uma conformação florística bastante variada ao longo da sua existência contendo, atualmente, poucos vegetais que poderiam se relacionar ao projeto original de Burle Marx. A partir da documentação levantada, a composição paisagística original parece ter permanecido íntegra até a década de 1970, mas os jardins do pavilhão sofreram muitas alterações significativas.

Com o decorrer do tempo, as introduções e a falta de manutenção fizeram com que as espécies arbustivas e arbórea originais fossem aos poucos desaparecendo, a superfície gramada e de suas manchas de forração foram suprimidas. Outras espécies foram introduzidas à composição, fossem espontaneamente ou por ação humana (como exemplares de *Psidium guajava*, *Syzygium jambolanum* e *Duranta erecta aurea*). Apesar de alterado, encontra-se em bom estado de conservação. A transformação do canteiro em rotunda na atual Praça Carlos Chagas (antiga Praça César Pinto) colaborou para mascarar a premissa da composição original. O desenho do canteiro não permite um aproveitamento adequado da área como espaço de lazer. Por conta de sua localização, esse canteiro do pátio está exposto a um intenso fluxo de veículos no entorno, o que compromete sua utilização como espaço de lazer. Assim, a praça se torna um espaço de passagem e não de permanência. Os bancos desse espaço estão embaixo de uma frondosa árvore de jambolão (*Syzygium jambolanum*) cuja coloração dos frutos provoca manchas nas superfícies. A supressão da superfície gramada do canteiro frontal, associada a introdução de uma extensa bordadura de arbustos (*Duranta erecta aurea*), também prejudica a leitura do conjunto arquitetônico e da sua obra de arte integrada - o painel de azulejos.

Atributos: Valor documental e histórico, pois os elementos arquitetônicos e os elementos vegetais formam uma unidade inseparável. É considerado um bem de interesse para preservação reconhecido pelo DPH como jardim histórico (IBAM, 2011).

Elementos característicos: Superfície gramada; canteiro em ameboide; e aleia de árvores pontuando o canteiro na forma de rotunda.

Observações:

O jardim segue características semelhantes de outro projeto de Burle Marx para uma edificação modernista, também executado no Rio de Janeiro no final da década de 1950: os jardins do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (UFRJ). Esse projeto guarda outras semelhanças essenciais: o de ser uma edificação voltada para a saúde, possuir um painel de azulejos executado pela Osiarte e de apresentar uma solução semelhante para o jardim da frente da edificação - voltada para uma via arterial - e uma solução mais intimista voltada para o pátio no interior da edificação.

CHACEL, Fernando. Plano Diretor Ambiental do campus da Fundação Oswaldo Cruz: agenciamento ambiental e paisagístico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. Vol.I.

COELHO, Carla; ANDRADE, Inês. Caderno de subsídios - pesquisa Histórica - Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM). Plano de Ocupação da área de Preservação do campus Fiocruz Manguinhos. Rio de Janeiro: IBAM; Fiocruz, 2011.

MOREIRA, Daniel; ZOUAIN, Rosana; CORTIZO, Barbara. Consolidação da caracterização e relevância do Pavilhão Arthur Neiva e proposta preliminar de usos - Plano Diretor do Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2013.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de. (Coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos. RJ: Editora Fiocruz, 2003. (Coleção História e Saúde).

4. DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO: JUSTIFICATIVA E IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS A SEREM MANTIDOS

4.1 Intervenções propostas

A Carta de Florença (1981) estabelece os quatro trabalhos possíveis em jardins históricos como sendo a manutenção, a conservação, o restauro e a reconstrução. O documento traz uma distinção dos limites dos trabalhos de restauro e de reconstrução.

Artigo 16.

O trabalho de restauro deve respeitar as sucessivas fases da evolução do jardim em questão. Em princípio, não se deve dar precedência a nenhum período sobre outro, exceto em casos excepcionais, quando o grau de destruição e de danos que afetam algumas partes de um jardim sejam tais que seja decidido reconstruírem-se essas partes, com base nos vestígios que sobreviveram ou em evidências documentais indiscutíveis. Esse trabalho de reconstrução pode ser executado, especialmente, nas partes do jardim situadas mais perto do edifício nele contido, para se fazer sobressair o significado dessas partes do conjunto.

Artigo 17.

Quando um jardim tiver desaparecido completamente, ou quando não existirem mais do que evidências conjecturais sobre as suas sucessivas fases, não pode ser considerada uma sua reconstrução como sendo um jardim histórico (Carta de Florença, 1981. Apud. CURY, 2000).

No documento nacional da Carta de Juiz de Fora (2010), que traz recomendações de preservação de jardins históricos no caso brasileiro, são identificados quatro tipos básicos de intervenções em jardins: a revitalização, a restituição (substituindo o termo reconstrução), a restauração e a manutenção. Esses tipos, apesar de distintos, podem ser complementares.

No documento nacional o termo **revitalização** é definido enquanto “[...] a reutilização de um bem cultural e sua adaptação a novos usos, observando aquilo que lhe é essencial” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Já o termo **restituição** é “[...] o conjunto de operações que visam a recuperar as condições originais do bem cultural e do espírito de uma época, o que se pode obter mediante a remoção de partes espúrias ou reconstituição de elementos supostamente originais degradados ou que estejam faltando” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10), através de documentação sólida e minuciosa. A **restauração** é encarada enquanto uma ação que “[...] visa garantir a unidade e permanência no tempo dos valores que caracterizam o conjunto, por meios e procedimentos ordinários e extraordinários” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Finalmente, a **manutenção** é apresentada enquanto uma ação sistemática que “[...] permite a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10).

No caso dos jardins de interesse histórico do *campus* Fiocruz Manguinhos, as intervenções seguem duas propostas distintas:

- **Restauração do jardim** – Jardins do Pavilhão Mourisco e Jardim do Pavilhão Henrique Aragão
- **Revitalização do jardim** – Jardim da Portaria da Av. Brasil e Jardim do Pavilhão Arthur Neiva

A intervenção do tipo restauração para jardins do Pavilhão Mourisco e do Pavilhão Henrique Aragão está fundamentada no resultado da investigação dessa pesquisa, a qual reuniu documentação detalhada e suficiente para determinar e caracterizar os jardins.

Já nos exemplares dos jardins da Portaria da Av. Brasil e do Pavilhão Arthur Neiva, a documentação disponível recolhida foi julgada pouco precisa para subsidiar um trabalho de restituição desses exemplares, assim, assume-se a intervenção do tipo revitalização.

No caso específico do Jardim do Pavilhão Arthur Neiva, foi possível recorrer ao estudo de fotografias antigas e o estudo comparativo de outros jardins análogos - Jardins do Instituto de Puericultura (1952) e do Hospital da Lagoa (1955) - desenvolvidos pelo mesmo autor em épocas próximas. Já no Jardim da Avenida Brasil, a pesquisa conseguiu apenas localizar um desenho em perspectiva. Este desenho serviu como base para o estudo da intervenção.

Por isso, as intervenções propostas não se configuram enquanto um restauro, pois poucos são os exemplares vegetais que permaneceram. Mas, ainda assim, o traçado básico dessas composições permanece. Sendo, então, possível empreender uma revitalização desses jardins históricos.

A revitalização tem como proposta a reutilização do espaço com base no restabelecimento da unidade essencial desses dois jardins. Considerando que as lacunas em jardins são interrupções de uma continuidade física e simbólica (FONSECA; PINHEIRO; BARTALINI, 2014) torna-se imperioso o preenchimento das lacunas da composição, mas sem a presunção de reconstituir sua substância original. Assim, reconhece-se que grande parte da matéria vegetal original foi perdida e que um novo tratamento - distinguível e contemporâneo - deve ser dado no preenchimento dessas lacunas.

4.2 Diretrizes gerais para as intervenções dos jardins

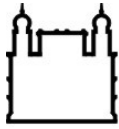
- Respeitar o traçado e a espacialidade existentes: o traçado é encarado como o principal articulador da leitura da espacialidade do jardim.
- Harmonizar as diferentes camadas de tempo: as sobreposições e os elementos adicionais são testemunhos dos momentos pelos quais o bem patrimonial passou, e que a sua permanência ou supressão devem ser alvo de estudos que os identifiquem e que reconheçam seus valores culturais.
- Evitar dissonâncias: em intervenções em que se verifique a necessidade de acrescentar partes que faltam ao jardim, que existiram no passado, é o caso de serem escolhidos os materiais e formas originais do passado, de maneira a diferenciá-los dos originais. As intervenções não devem competir com os bens protegidos, mas colaborar para sua valorização.

4.3 Diretrizes específicas para as intervenções dos jardins

• **Jardim do Pavilhão Arthur Neiva**

INTERVENÇÕES EM JARDINS HISTÓRICOS

Identificação dos elementos essenciais dos jardins:
<ul style="list-style-type: none">• Rodunta funciona como um ponto focal do jardim gerando um espaço intimista configurado pelos <i>pilotis</i> do pavilhão.• Superfície gramada gerando ponto focal de interesse em direção ao painel de azulejos do corpo do auditório do pavilhão• Canteiro em forma de ameboide contrastando com a superfície gramada.• Aleia de árvores pontuando o canteiro na forma de rotunda com desenho assimétrico de forrações.
Diretrizes específicas:
<ul style="list-style-type: none">• Manter os parâmetros formais próprios da composição - harmonia, contraste de texturas, equilíbrio, ênfase, sequência e escala.• Manter a unidade nos planos delimitadores do espaço.• Retirar acréscimos que prejudicam a singularidade do espaço e leitura da unidade do ambiente.• As decisões sobre a introdução ou substituição de espécies vegetais devem estar coerentes com o elenco vegetal utilizado por Burle Marx.• Introduzir novos extratos vegetais pautados pelo princípio da distinguibilidade, no que tange o novo projeto da composição das manchas de forração.
Justificativa da intervenção proposta:
<p>A proposta de intervenção no jardim do Pavilhão Arthur Neiva não se configura enquanto um restauro, pois poucos são os exemplares vegetais que permaneceram, mas como uma revitalização que propõem fortalecer a sua unidade essencial.</p> <p>As adições pelas quais o jardim passou revelam ações empreendidas para garantir um utilitarismo (como a introdução de um canteiro para evitar que a água da chuva molhasse o interior da edificação e a abertura da superfície gramada para passagem de veículos), bem como sinalizam a deturpação dos elementos compositivos originais (transformação da rotunda em praça e quebra do eixo de interesse do painel de azulejos por quem passa pela Avenida Brasil). Elas acabaram por alterar o relacionamento do jardim com a arquitetura e com a obra de arte integrada da edificação - painel de azulejos - protegidos por tombamento. Sendo, assim, é necessário intervir para reconstituir a continuidade física do jardim e sua relação simbólica com o painel de azulejos e a edificação do Pavilhão.</p> <p>Por outro lado, o traçado básico da composição permanece mantida e é necessário requalificar os espaços verdes com a introdução de um repertório vegetal compatível com a linguagem modernista de Burle Marx.</p>
Proposta preliminar por zoneamento:
<ul style="list-style-type: none">• Setor 01 - Jardim Frontal Opção de recuperar a superfície do gramado com o uso de grama-batatais e recompor o desenho do tendo da ameboide de forma sinuosa com a introdução de arbustiva de pequeno porte que contraste em cor e textura com a superfície gramada (quebrando a atual monocromia da composição). Canteiro pontuado por vegetação de características escultóricas (jasmim-manga). Retirada da bordadura dos arbustos pingo de ouro (<i>Duranta erecta aurea</i>) que cercam o canteiro em ameboide e delimita o acesso intrusivo em terra batida.



- Setor 02 - Rotunda ou Praça Carlos Chagas (antiga Praça César Pinto)
Opção de recuperar a configuração espacial da composição - com árvores ladeando o canteiro integradas a uma composição paisagística contemporânea formada por associação de arbustos e forrações coloridas. As espécies adotadas devem incluir as espécies identificadas no estudo.
Restabelecimento das relações volumétricas intencionadas com o jogo volumétrico proporcionado por massa de vegetação arbustiva e pelas árvores que pontuam o canteiro.
- Setor 03 - Bosque - Área de amortecimento
A zona emoldura visualmente a edificação modernista e o NAHM. A manutenção dessa zona verde também é importante para reforçar os atributos ambientais do parque da FioCruz. Opção pela manutenção de uma cortina verde com plantio de espécies presentes no Horto da FioCruz. O uso como estacionamento de parte dessa área pode ser realizado desde que garanta através do uso do recurso de afastamentos e desníveis a manutenção das visuais significativas para a ambiência do conjunto.
- Setor 04 - Bosque - Área de amortecimento
A zona localizada nos fundos da edificação hoje abriga uma edificação provisória destinada a salas de aulas. A área possui um estacionamento e é acessada por uma via intrusiva que corta o jardim frontal. Opção por substituir esse acesso de veículos por cobertura vegetal com plantio de espécies presentes no Horto da FioCruz. Manutenção do grupamento de bambu (*Bambusa vulgaris vitatta*) que forma cortina densa e limita o espaço.

Indicação dos trabalhos requeridos:

Ação 01 - Elaboração de projeto paisagístico com base nas diretrizes estabelecidas

Parceiros: DGA/Dirac e DPH/COC

Ação 02 - Captação de recursos

Ação 03 - Implantação de nova infraestrutura urbana, com demolição de intervenções recentes.

Ação 04 - Substituição de coberturas vegetais e arbustos.

Ação 05 - Programa de Educação Ambiental e Patrimonial voltado para equipe de jardinagem.

5. RECOMENDAÇÕES PARA A REDAÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO DA CONSERVAÇÃO: ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS E PARCEIROS ENVOLVIDOS

5.1 Estratégias de ação para a sua elaboração

- **Plano de Gestão da Conservação**

“A Conservation Management Plan is simply a document which explains why a place is significant and how you will sustain that significance in any new use, alteration, repair or management” (HERITAGE LOTTERY FUND, 2012:3).

O Plano de Gestão da Conservação é um conjunto de diretrizes e proposições com o objetivo de planejar e programar o monitoramento do jardim disciplinando a conservação, recuperação, o uso e ocupação do bem e de seu entorno imediato. Incluem ações que vão desde a valorização patrimonial até as indicações de intervenções, que incluem a indicação das áreas de interesse para investigações arqueológicas. Também integram o documento normas e procedimentos para a preservação dos jardins.

Assim, o estudo de cada exemplar de jardim de interesse deve contemplar (WATKINS; WRIGHT, 2007):

- a. Descrição da situação atual da área;
- b. Desenhos paisagísticos baseado em documentação histórica;
- c. Objetivo da reconstrução ou restauração justificado com base nos atributos do jardim;
- c. Identificação dos trabalhos requeridos;
- d. Manual de procedimentos para a manutenção dos espaços verdes de interesse;
- f. Referências sobre a área (fotografias, artigos).

- **Estrutura do Plano**

O Plano deve ser estruturado em quatro seções:

1. Conhecimento do lugar
2. Avaliação de significância
3. Estudos dos impactos potenciais
4. Proposta de políticas de preservação gerais e específicas

A primeira seção, intitulada “Conhecimento do lugar”, deve englobar o levantamento histórico e o estado atual do exemplar, com o objetivo de descrever e caracterizá-lo. O inventário dos jardins deve ser incorporado a essa seção.

Na segunda seção, denominada “Avaliação de significância”, deve ser avaliada identificação dos valores que se deseja preservar através da identificação dos elementos significativos historicamente que permanecem.

Para essa investigação é importante compreender a vocação e significado cultural dos jardins. Assim, além da análise de especialistas da área da preservação e paisagismo, os usuários devem ser consultados através de entrevistas.

A seção seguinte, “Estudos dos impactos potenciais”, descreve os problemas (vulnerabilidades) que os exemplares estão submetidos e estuda como tais fatores podem comprometer a sua significação. Também podem ser identificadas as iniciativas em curso ou as futuras que potencialmente podem reforçar a importância do exemplar, tais como a indicação de pesquisas arqueológicas.

Finalmente, na última seção que recebe o título de “Proposta de políticas de preservação gerais e específicas”, devem ser descritos como se deverá preservar os exemplares, seja elevando os padrões de cuidado e gestão, encontrando usos mais apropriados, trabalhando dentro dos recursos disponíveis e garantindo o acesso e benefício da comunidade de usuários. Essas informações podem ser agrupadas na forma de um manual de procedimentos para a manutenção. Também essa seção deve incorporar o programa de intervenções, o qual deverá ser revisado. Destaca-se a importância das propostas de intervenção incorporadas no plano seguirem as atuais recomendações internacionais no campo patrimonial, isto é, as intervenções nos bens devem ser mínimas e reversíveis e as ações de manutenção devem ser contínuas.

- ***Grupos de trabalho para a elaboração dos procedimentos para a manutenção dos jardins de interesse histórico do campus***

No manual de procedimentos para a manutenção deve ser estabelecido e pactuado as normas de conduta dos profissionais envolvidos em sua gestão. É nesse manual que ficarão estabelecidas as diretrizes gerais e específicas das apropriações desses espaços, bem como a padronização da qualidade e variedade do mobiliário urbano (com destaque para latas de lixo, placas de sinalização postes e abrigo de resíduos) e definidos critérios e a localização para a inserção de obras de arte (esculturas e placas comemorativas) nos jardins.

À redação das políticas de preservação gerais devem ser incluídas a legislação em vigor, a filosofia da preservação empregada nos exemplares, as premissas para manter a sua significação e evitar uma futura deterioração, tendo como meta a priorização da sua conservação preventiva. O conteúdo desse item está já incluído dentro do programa de intervenções preliminar proposto por essa pesquisa.

Para elaborar as políticas específicas que devem formar o manual de procedimentos para a manutenção dos jardins, optou-se por seguir as recomendações desenvolvidas por Duarte (2012) para a elaboração de um plano de gestão em jardins e parques históricos. É recomendada a divisão em nove pontos chaves de discussão:

A. VEGETAÇÃO

<p>Reposição, substituição e plantio de mudas. Plantios comemorativos de espécies vegetais em locais não previstos no projeto original. Rotina de podas, rega e limpeza. Controle de pragas.</p>
<p>B. OBRAS DE ARTE INTEGRADAS NO JARDIM</p>
<p>Mudança de localização e remoção de obras de arte. Inserção de novas obras de arte.</p>
<p>C. INFRAESTRUTURA</p>
<p>Sistema de rega. Manutenção de equipamentos. Mobiliário urbano: padronização e manutenção. Sinalização dos espaços: padronização e manutenção. Iluminação: padronização e manutenção.</p>
<p>D. SEGURANÇA</p>
<p>Rotina de rondas.</p>
<p>E. FAUNA</p>
<p>Programa de incentivo a permanência da fauna silvestre.</p>
<p>F. PESSOAL</p>
<p>Programas de capacitação da jardinagem: educação ambiental e patrimonial.</p>
<p>G. RESÍDUOS SÓLIDOS</p>
<p>Abrigos de resíduos: dimensões e localizações.</p>
<p>H. USOS E ATIVIDADES</p>
<p>Exposições temporárias. Eventos. Inserção de novos espaços de estar. Programas educação ambiental e patrimonial voltados para a comunidade.</p>
<p>I. ESTRUTURA DE GESTÃO</p>
<p>Alternativas de novas fontes de recurso.</p>

O teor de cada um dos nove itens poderia ser objeto de discussão por grupos de trabalho com os profissionais envolvidos na proteção e gestão desses jardins. A equipe poderia envolver profissionais não apenas de diferentes áreas, mas de unidades da Fiocruz distintas.

É importante sinalizar que metodologicamente essa etapa deveria, sempre que possível, ser realizada antes de um projeto de intervenção paisagística, no entanto, isso não exclui a sua aplicação posteriormente.

5.2 Gestão dos jardins históricos

Atualmente cabe ao Departamento de Gestão Ambiental da Diretoria de Administração do Campus (DGA/Dirac/Fiocruz) a tarefa de gerir todos os espaços verdes do *campus*. É fundamental que o Plano de Conservação seja elaborado em parceria pela Dirac e o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC/Fiocruz).

Já existe uma rotina de trabalho por parte do DGA, mas é necessário incluir a essas as peculiaridades dos jardins históricos do *campus*. Apenas partir de um plano, construído conjuntamente, poderão ser previstos investimentos financeiros necessários para garantir a produção de mudas específicas para os jardins históricos e a promoção de ações de educação ambiental e patrimonial, tanto para a equipe da jardinagem como para a comunidade de usuários da Fiocruz.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto patrimônio cultural, os jardins históricos são classificados (segundo a Conferência Geral da UNESCO, 1972, Art. 1) como sítios derivados de "*obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza*" (apud CURY, 2000:179). Um jardim, caso corretamente conservado, é visto por sucessivas gerações as quais o percebem de forma diferente da sua anterior e da sua sucessora. É que se trata de um documento cultural que se renova e se deteriora, e que com a ação humana descuidada pode comprometer o significado ou testemunho futuro.

Um jardim histórico é um bem cultural que apresenta valores estéticos, históricos, científicos e sociais, que ao longo de diferentes fases de evolução foram sofrendo transformações e adquirindo novos e dinâmicos significados para cada sociedade. Portanto, o jardim histórico deve ser interpretado enquanto paisagem cultural e, logo, como uma paisagem construída produto de um contexto político e social.

A longevidade de um determinado espaço livre urbano está diretamente vinculada à possibilidade constante de apropriação que este possui, a chamada "qualificação". Ou seja, "*quanto mais e melhor possa ser apropriado (o espaço), desde que convenientemente mantido, maior vai ser sua aceitação social e por mais tempo será mantido sua identidade morfológica*" (MACEDO, 1996:11). Considerando, porém, que as relações entre o antigo e o moderno são complexas, as metodologias aplicadas devem ser críticas e claras, embora não necessariamente idênticas. "[...] a sobrevivência do patrimônio artístico não implica apenas questão de gosto, mas também de coexistência e de cofuncionalidade" (ARGAN, 1998:86).

Assim, preservar um jardim adequadamente através de um plano de conservação adequado e integral traz consequências muito benéficas para o bem patrimonial. A elaboração e execução de qualquer intervenção no jardim histórico deve garantir a proteção e autenticidade do sítio cultural, de forma a prolongar a duração de sua integridade e assegurar a sua interpretação.

O presente estudo buscou considerar as sobreposições e os elementos adicionais enquanto testemunhos dos momentos pelos quais o bem patrimonial passou, e a defesa pela permanência ou supressão foi alvo de uma análise subjetiva, calcada no reconhecimento de seus atributos

estéticos e simbólicos. A partir desta avaliação foram propostas as ações de intervenção com a opção pela permanência - por julgar sua introdução um enriquecimento para o bem -, ou a opção pela retirada - por julgar que sua manutenção prejudica a leitura e unidade da composição.

O estudo baseado na importância histórica e artística do patrimônio paisagístico da Fiocruz, ou seja, em sua significação cultural, contribuem para o fortalecimento da memória local e da identidade institucional. Dessa maneira, através da permanência e da autenticidade desses jardins, garante-se qualidade a esses espaços verdes tão necessários para a sociabilidade na atualidade.

7. AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa contou com o apoio da FAPERJ através da concessão de Auxílio Instalação e do CNPQ através da concessão de bolsa de iniciação científica para a aluna de graduação Carla Gils Oliveira.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Inês El-Jaick. O debate sobre as áreas envoltórias dos bens tombados. Cadernos do PROARQ (UFRJ). v. 15, p. 7-18, 2010.

_____. Dimensão Ambiental da paisagem cultural: o impacto do entorno urbano nos jardins de interesse histórico. 2009. Tese. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. Risco (São Carlos). v.8, p.138 - 144, 2008.

_____. Jardins Históricos Cariocas: significação cultural e preservação. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos De; ANGELIS NETO, Generoso De. Jardins históricos: introduzindo a questão. Paisagem ambiente (São Paulo). n.19 [on line], p31-48 , 2004.

AÑON, Carmen Feliú. Authenticity garden and landscape. In. UNESCO. Nara Conference on Authenticity: Unesco Worl Heritage Convention, 1994, Nara, Japan. Proceedings... Nara, Japan: UNESCO/ICCROM/ICOMOS, 1994, p. 265-269.

ARAGÃO, Henrique. Notícia Histórica sobre a Fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). Separata das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Tomo 48, ano 1950. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAGATTI-VALSECCHI, Pier-Fausto. Dangers qui menacent l'intégrité des jardins historiques. In. INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). International Symposium on the conservation and restoration of gardens of historical interest: 1th General Assembly of the International scientific committee for historic gardens and cultural landscapes. Fontainebleau, France: ICOMOS/IFLA/UNESCO, 1971. p. 42-52.

BARRETO, Maria Helena; CUNHA, Oscar Henrique; SELKLER, Jurema (Orgs.). Jardins Históricos: projeto de restauração de jardins históricos da Fundação Nacional Pró-

Memória. Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa; Coordenadoria de Proteção ao Patrimônio Natural da Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro. [S.l.], [198-]. catálogo.

BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.); SOARES, Sandra Branco; ROCHA, Oswaldo Porto; PEREIRA, Andrea Nunes; SANTOS, Fernando Sergio Dumas. Manguinhos: um retrato de corpo inteiro. Rio de Janeiro; Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz; 1988. 677 p.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Manguinhos do sonho à vida: a ciência da belle époque. RJ: COC/Fiocruz, 1990.

BORGES, Andréa; SAMPAIO, Andréa. Análise visual urbana do patrimônio histórico e arquitetônico do campus Manguinhos - Fiocruz. Rio de Janeiro: DPH/COC/Fiocruz; LAURD/PROURB/FAU/UFRJ, 2010.

CARNEIRO, Ana Rita; PEREZ, Ramona (Orgs.). Jardins Históricos brasileiros e mexicanos. Recife: UFPE, 2009.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006.

CURY, Isabelle (Org.). Cartas patrimoniais. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio - IPHAN/Ministério da Cultura, 2000.

DEL BRENNNA, Giovanna R. Ecletismo no Rio de Janeiro (século XIX-XX). In. FABRIS, Anna Teresa (Org.). Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel: EdUSP, 1987. p. 28-66.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Intervenções em jardins históricos. Brasília: IPHAN, 2005.

DIAS, Ezequiel. O Instituto Oswaldo Cruz: resumo histórico (1899-1918). Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.

DUARTE, Cláudia Brack. Plano de gestão para o Campo de Santana: subsídios e considerações. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FARAH, Ivete; SCHLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel (Orgs.). Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil. São Paulo: SENAC, 2010.

GONÇALVES, Eduardo G.; LORENZI, Harri. Morfologia Vegetal. São Paulo: Instituto Plantarum, 2011.

HARDY, Matthew. The venice charter revisited. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011.

HERITAGE LOTTERY FUND. Conservation plan guidance. London, UK, out. 2012. Disponível em: <<http://www.hlf.org.uk/conservation-plan-guidance>> Acesso: 23 jul. 2015.

HETZEL, Bia; NEGREIROS, Sílvia. Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil. Rio de Janeiro: Manati, 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM). Plano de Ocupação da área de Preservação do campus Fiocruz Manguinhos. Rio de Janeiro: IBAM; Fiocruz, 2011.

INTERNATION COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS).The Buenos Aires Memorandum on cultural landscapes and historic gardens. Buenos Aires: ICOMOS/IFLA, 2001.

LEENHARDT, Jacques (Org.). Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fabio. Quadro do paisagismo no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo (EdUSP), 1999.

_____. Paisagem urbana: os espaços livres como elementos de desenho urbano. Caderno Paisagem Paisagens, Bauru, São Paulo, n. 1, p. 7-20, 1996.

MENESES, Ulpinao T. Bezerra de. Comentário XII - Visões, visualizações e usos do passado. In: Anais do Museu Paulista. v. 15, n. 2, jul-dez. 2007, p. 117-123.

MILET, Vera. A teimosia das pedras: um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental do Brasil. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

NAIL, Sylvie. The Triumph of Authenticity. The Historic Gardens Foundation. London, UK, mar. 2003. Articles. Disponível em: <<http://www.historicgardens.freemove.co.uk>> Acesso: 29 mar. 2003.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de. (Coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos. RJ: Editora Fiocruz, 2003. (Coleção História e Saúde).

SALES, John. Conserving Historic Gardens. The Historic Gardens Foundation, London, UK, mar. 2003. Articles. Disponível em: <<http://www.historicgardens.freemove.co.uk>> Acesso: 29 mar. 2003.

_____. The Conservation of English Landscape Gardens of National Trust. In. INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). Historic Gardens and Sites: 10 th General Assembly of the International scientific committee for historic gardens and cultural landscapes. Colombo, Sri Lanka: ICOMOS/UNESCO, 1993. p. 145-150.

TRINDADE, Jeanne. A restauração do Passeio Público do Rio de Janeiro. In. CARNEIRO, Ana Rita; PEREZ, Ramona (Orgs.). Jardins Históricos brasileiros e mexicanos. Recife: UFPE, 2009. 45-72p.

WATKINS, John; WRIGHT, Thomas. Management and Maintenance of Historic Parks, Gardens and Landscapes: The English Heritage Handbook. London: Frances Lincoln, 2007.